

## Considerações Finais

Este trabalho buscou contribuir para um melhor entendimento sobre as entrevistas de base qualitativa realizadas nas pesquisas no campo dos estudos sociais e linguísticos, em especial sobre como os participantes coconstroem conhecimentos quando em momentos de desconforto.

Entendendo o momento de entrevista como evento social, e analisando-a pela lente dos estudos interacionais, percebo que minha mudança de professora para pesquisadora veio a suscitar momentos de desconforto, possivelmente relacionados à assimetria interacional que se constrói quando eu, antes professora, e agora também pesquisadora, explico o tema da conversa para Lucas.

A partir da geração dos dados, em um primeiro momento com a intenção de discutir sobre a utilização dos Gêneros Discursivos na sala de aula de Língua Inglesa, foquei minha análise no tom inicial da conversa entre Lucas e eu e que permaneceu ao longo de quase toda a gravação: o incômodo com a situação de entrevista. Sendo assim, busquei observar nos dados gerados nas duas conversas realizadas, por meio do discurso, como minha perspectiva e a do professor participante acerca do tema proposto, partindo de seus conhecimentos se deu e, principalmente, sobre como o desconforto emergiu.

Como acredito que nenhuma interação pode ser analisada fora de seu contexto, fundamentei a investigação nos estudos da SI, atrelando-a à ACE. Ambas as teorias auxiliaram a interpretação sobre minha participação, assim como a de Lucas, no contexto de entrevista qualitativa com fins acadêmicos, bem como sobre suas atuações na construção de identidades e proteção de face quando em situações de desconforto.

Para tornar mais claro esses entendimentos, busquei na microanálise dos dados discursivos compreender como os momentos de desconforto emergiram e foram, aparentemente, desconstruídos. Os dados, por sua vez, contribuíram para ressaltar a ideia de que o encontro social entre dois amigos quando em situação de entrevista pode vir a suscitar momentos constrangedores, assimétricos e de forte necessidade de realinhamento. Dessa forma, percebi que Lucas e eu buscamos nos

construir de maneira positiva, considerando o que se esperava de nossas posturas em um contexto onde discutíamos sobre um tema comum a nós dois.

Destaco, assim, a importância da análise dos recursos discursivos utilizados, não só nas tentativas de realinhamento apresentadas, como também nos momentos de desconforto gerados. Por meio de *accounts* e modalizações, percebi que tanto eu quanto Lucas, buscávamos nos aproximar, ainda que momentos de grande assimetria fossem comuns.

Ao analisar os dados, partindo do princípio de que, além de uma entrevista, a interação ocorrida também era um encontro social, apresentei uma análise pautada nos estudos interacionais, com foco na microanálise dos recursos discursivos apresentados. Assim, percebi que recursos como o surgimento de gaguejos ao iniciar o turno após possíveis momentos assimétricos, bem como ao se posicionar frente ao tema; hesitações ao se referir ao trabalho em si e ao tratar do que se sabia sobre os Gêneros Discursivos; e falas mais rápidas quando em situações de desconforto e/incerteza sobre o que dizia marcaram nossa conversa.

Acredito, no entanto, que tais recursos foram necessários para a interação a fim de minimizar os aparentes momentos de incômodo que surgiam. Percebo ao analisar nossa conversa que os momentos de desconforto podem ter sido despertados por dois fatores: a assimetria e o desconforto com o enquadre entrevista. No primeiro deles, observo que tenho dificuldades ao me posicionar e construir minha face ao longo da nossa conversa, muito pelo receio de me colocar de maneira assimétrica, e constranger Lucas de alguma maneira, bem como por ter dificuldades de me construir como professora, pesquisadora, participante e amiga de Lucas. Já com o enquadre entrevista, julgo que ao me preparar para a gravação da entrevista, busquei seguir os preceitos estudados para tal geração dos dados, não me atentando, contudo, para o que efetivamente ocorria, um encontro social, não engessado e passível de momentos fora do roteiro que havia preparado. Sobre Lucas, percebi que ao ligar o gravador, ele também apresentou dificuldades para se enquadrar ao momento entrevista, visto que sua postura mudou assim que iniciei a gravação, de amigo para um participante sendo entrevistado com fins acadêmicos.

No que diz respeito às estratégias utilizadas por Lucas e eu a fim de

diminuir, ou tentar suavizar, as situações de desconforto desencadeadas por uma possível assimetria e pelo enquadre entrevista, observo que foi por meio de *accounts* e modalizações que elas ocorreram. Acredito que essas foram as estratégias utilizadas por nós dois com o intuito de nos reconstruirmos a cada momento que percebíamos certo desconforto com a assimetria criada, com o enquadre e com as perguntas e questionamentos levantados. Com os *accounts* acredito que houve uma preocupação com o detalhamento da informação passada, como certificação do que acabara de ser dito. Um exemplo disso é ao me posicionar como acadêmica no início da interação, para logo após me reconstruir como professora que atua há anos em cursos de idiomas, a meu ver, com a intenção de me realinhar com Lucas.

Ainda no que se refere ao realinhamento e aos *accounts* criados, julgo que eles foram uma maneira encontrada por nós dois de amenizar o desconforto sentido, principalmente, nos momentos mais assimétricos da nossa conversa. Acredito, portanto, que a assimetria foi um dos elementos que mais contribuiu para os fortes momentos de desconforto, uma vez que a necessidade de se posicionar, realinhar e reconstruir gerou o constrangimento que deu o tom da entrevista.

No entanto, como mostrado nas seções 4.1.4 e 4.1.5, observo que ao se sentir mais confortável para falar sobre sua prática em sala de aula, e não somente sobre seu conhecimento teórico, Lucas se mostra mais seguro diminuindo, assim, os momentos de desconforto. A modalidade mais assertiva, a diminuição dos gaguejos e das hesitações sugerem isso. Também acredito que a tomada de turno foi um diferencial neste novo momento da conversa, visto que Lucas se posiciona mais, enquanto interfiro poucas vezes, deixando-o livre para se expressar, ao contrário do início da nossa conversa quando indagava-o por diversas vezes e tomava o turno para mim a fim de explicar mais que incluí-lo na reflexão sobre o tema.

Acredito que com este trabalho pude refletir acerca da geração de dados para pesquisas no campo das ciências sociais, com um olhar para uma questão, a meu ver, bastante interessante: como se preparar para tal geração dos dados para além da teoria. Percebi que ao me preparar somente com base nos trabalhos

acadêmicos e em teorias sobre como conduzir uma boa entrevista semiestruturada, não considerei que a relação amigo-professor-pesquisador-pesquisado seria de suma importância para o desenrolar da interação.

Dessa forma, para pesquisas no futuro acredito que uma reflexão profunda acerca dos papéis performados, antes da entrevista e o que será criado ao longo dela, deva ser considerado pelos pesquisadores. Além do mais, ao compreender a entrevista não só como um momento de troca de informações, mas também como um evento discursivo onde a manutenção da face e a (re)construção identitária estarão sempre em voga, o pesquisador poderá diminuir o nível de tensão, e de desconforto, antes mesmo de iniciar a geração dos dados, fato este que não me atentei ao começar minha pesquisa.

A fim de minimizar tais momentos de desconforto com os papéis representados ao longo de uma entrevista com fins acadêmicos, acredito que ao se colocar no papel de entrevistadora e entender o participante representando um papel também pré-determinado, não julgando como superior ou inferior ao do pesquisador, as diferenças e assimetrias serão amenizadas. Percebi que ao me preocupar em manter meu papel de amiga e não me adequar ao papel de entrevistadora e pesquisadora, posicionei Lucas, não dando muitas chances para que ele se construísse da maneira que julgava necessária, forçando-o a outras construções identitárias. Ao fazer perguntas diretas, ouvir o participante e colocar-se no papel de coparticipante da pesquisa, os momentos de desconforto serão menos frequentes por entender que o momento de pesquisa serve para refletir sobre temas em conjunto com os participantes, não criar assimetrias com base em um possível desnível entre o conhecimento de todos.

Por fim, julgo que este trabalho representa uma amostra diante das inúmeras possibilidades de se analisar uma pesquisa no campo das ciências humanas por meio de entrevistas semiestruturadas, mesmo quando estas foram preparadas e houve uma preocupação com o participante e seu conforto para a geração dos dados. Apresentei apenas uma possibilidade de haver discrepância entre o que se esperou de uma entrevista e sobre o que efetivamente ocorreu no encontro social gravado, por conta dos fortes momentos de desconforto. Ressalto, no entanto, a necessidade de se analisar outras interações, em contextos

diferenciados a fim de que se apresentem novos olhares e percepções acerca da entrevista como evento social e novas contribuições teóricas para esse instrumento de pesquisa qualitativa.